

# O responsável pela solução de nossa dívida: EUA.

É a opinião do jornal *Washington Post*.

A. M. Pimenta Neves, de Washington.

O jornal *The Washington Post* disse ontem, num editorial dedicado ao Brasil, que uma solução mais duradoura da questão da dívida externa terá de vir "não dos técnicos que administram o FMI, mas dos políticos que administram os Estados Unidos".

"O que intranqüiliza (as pessoas), nas atuais negociações da dívida, é que se tornaram um processo de remendar as coisas, evitando-se o desastre, mas seguindo planos que dependem de taxas de crescimento do mundo industrializado ligeiramente improváveis", afirmou um dos jornais mais influentes dos Estados Unidos.

"As negociações em torno da dívida externa do Brasil levantam dúvidas que os norte-americanos têm de ponderar cuidadosamente", disse o comentário. Ao mencionar o empréstimo que o Fundo Monetário Internacional concedeu ao Brasil, em fevereiro, o jornal observou que "a condição foi uma política de rigorosa austeridade" a ser adotada pelo governo brasileiro.

"Em maio, tornou-se evidente que o Brasil não havia atingido as metas e o FMI congelou seu acesso ao que restava do empréstimo. Não é uma questão de má fé; pode argumentar-se que as metas eram irrealistas desde o início."

O jornal disse ainda que o Fundo Monetário sabe que não pode abandonar o princípio das condições forçadas. "Não pode colocar-se na posição de financiar o mesmo

tipo de políticas responsável pelos problemas dos devedores. Mas também não pode impor o princípio de maneira tão dura que incite a sublevação no Brasil, onde o desemprego já é alto", afirmou.

"A administração rigorosa dos negócios fiscais internos do Brasil e de outros é altamente desejável. Mas o fator crucial é a recuperação econômica que se inicia nos Estados Unidos e, com menos certeza, na Europa Ocidental. Com crescimento forte e sustentado, os países ricos consumirão exportações latino-americanas em grande volume e permitirão aos devedores latino-americanos escapar do buraco em que se meteram sem grande dificuldade. Mas, se aquele tipo de taxa de crescimento não ocorrer no Hemisfério Norte, nenhum volume de austeridade no Sul tornará possível o pagamento das dívidas", disse o editorial.

Segundo o *Post*, é útil recordar que essas dívidas se originaram na primeira crise petrolífera, há uma década. "Os países latino-americanos contraíram empréstimos para manter suas economias desenvolvendo-se e, por isso, continuaram importando dos Estados Unidos — uma importante contribuição à prosperidade norte-americana na última década. Esse processo também funciona no sentido inverso. Se as economias latino-americanas são agora forçadas a adotar a super-austeridade, não serão bons clientes da América do Norte."